

VI Colóquio Internacional

“Educação e Contemporaneidade”



**São Cristovão-SE/Brasil
20 a 22 de setembro de 2012**

**A GRAMÁTICA DE LÍNGUA INGLESA DE J. CASTRO:
PROTOCOLOS DE LEITURA E DIÁLOGOS FAMILIARES**

Elaine Maria Santos¹

Rodrigo Belfort Gomes²

EIXO TEMÁTICO: 12. Estudos da linguagem

RESUMO

O ensino de inglês como língua estrangeira teve seu início no século XVI, com a reforma protestante e a fuga de refugiados franceses para a Inglaterra, o que fez com que a aprendizagem da língua inglesa se tornasse indispensável, principalmente para que as atividades corriqueiras pudessem ser realizadas. A ruptura proporcionada pela reforma protestante foi responsável para demonstrar a importância que os vernáculos possuíam e a necessidade em se ensinar a língua vernacular e a língua estrangeira através do próprio vernáculo. Este trabalho tem como objetivo analisar os protocolos de leitura e os diálogos familiares da obra *Grammatica anglo-lusitanica & lusitano-anglica* de autoria de J. Castro. Com esta análise, será possível discorrer sobre a organização do ensino de inglês como língua estrangeira e sua situação no cenário de reafirmação do vernáculo.

Palavras-chaves: língua inglesa, protocolos de leitura, diálogos familiares

ABSTRACT

Teaching English as a foreign language was first verified in the sixteenth century with the Protestant Reformation and the French refugees who moved to Britain. This episode made the English language skills essential, especially in situations where routine activities could be performed. The break provided by the Protestant Reformation was important because it demonstrated the importance of the vernacular language and how important it was to teach the mother tongue and the foreign language through the mother tongue. This paper aims to analyze the protocols of reading and the familiar dialogues in the book *Grammatica anglo-lusitanica & lusitano-anglica*, written by J. Castro. This analysis enables us to discuss the organization of English teaching as a foreign language and its reaffirmation in this scenario.

Keywords: English language, protocols of reading, familiar dialogues

¹ Mestre em Letras, Universidade Federal de Sergipe, santoselaine@yahoo.com.br

² Graduando em Letras-Inglês, Universidade Tiradentes, belfort_rodrigo@hotmail.com

Até o século XVI, o Latim ainda era considerado a língua de comunicação internacional, e o seu estudo era indispensável para que os membros da Igreja Cristã, cientistas e letrados pudessem exercer a docência em universidades e, para que suas práticas pudessem ser consolidadas, vários compêndios foram escritos por esses professores. (TORRE, 1985). No entanto, com a revolução Protestante, o Latim deixou de ser considerado como *língua franca* internacional e os vernáculos começaram a ser vistos como fontes de pesquisa. Nesse período, os vernáculos atingiram maior prestígio, uma vez que o Latim deixou de ser a língua de escolha para os estudos e muitos livros, principalmente a Bíblia, passaram a ser editados e publicados nas línguas nacionais.

A reforma protestante possibilitou a instalação de muitos refugiados franceses na Inglaterra, o que fez com que surgisse a necessidade em aprender essa nova língua. Howatt (1988) chega a afirmar ser este o primeiro momento em que foi observado o ensino de inglês como língua estrangeira. Em decorrência da necessidade em se aprender o Inglês, alguns professores franceses se especializaram no ensino da Língua Inglesa, principalmente como preceptores privados, com grande destaque para Jacques Bellot, Claudius Holyband e John Florio. Neilsen (2009, p. 15-6) afirma que os primeiros professores de Inglês como língua estrangeira foram importantes por atenderem a uma necessidade social ocasionada pela formação de uma verdadeira comunidade francesa na Inglaterra. Esses refugiados “trouxeram influências estrangeiras para a Inglaterra, sendo gradualmente assimiladas na cultura”.

Ao analisarmos os primeiros manuais desenvolvidos por esses professores franceses, Howatt (1988) destaca terem eles a mesma estrutura verificada nas gramáticas publicadas neste período, como, por exemplo, a divisão das obras em quatro partes (Ortografia, Etimologia, Sintaxe e Prosódia); uma parte inicial dedicada ao estudo dos aspectos fonéticos do Inglês, partindo sempre dos sons das letras e sílabas; e uma parte contendo conjuntos de frases e diálogos familiares. Essa última parte pode estar contida na sintaxe. O grande número de similaridades entre as gramáticas desse período comprova a contestação de Torre (1985, p. 31) ao afirmar que “é sempre difícil saber-se com segurança quando os gramáticos do passado eram originais, numa altura em que o plágio era uma prática corrente”.

Três autores franceses desta época receberam destaque: Jacques Bellot, Claudius Holyband e John Florio (HOWATT & WIDDONSON, 2004). Os dois manuais de Bellot, *The English Schoolmaster* (1580) e *Familiar Dialogues*(1586), foram delineados tendo-se como objetivo o atendimento das necessidades básicas dos imigrantes franceses, compostos, na sua

maioria, por artesãos. Esses trabalhadores, conforme já mencionado, não poderiam sobreviver sem um aprofundamento na Língua Inglesa falada, necessitando, dessa forma, de algum conhecimento da língua escrita. Como a Inglaterra se encontrava no meio do conflito existente entre a França e a Espanha, os refugiados franceses precisariam utilizar a Língua Inglesa em situações hostis, ocasionadas nos momentos em que os imigrantes, confundidos como espiões estrangeiros ou agentes católicos, eram interrogados nas ruas. Para as mulheres francesas, a aprendizagem do Inglês se tornava também imperativa, principalmente nas atividades corriqueiras que uma mulher possuía na época, como, por exemplo, as compras (SOARES, 2007). Os manuais de Bellot apresentavam notória preocupação com a parte fonética do ensino do idioma, uma vez que suas obras eram dedicadas aos franceses que moravam em território inglês e que aprendiam o idioma pela audição.

Seu segundo trabalho, *Familiar Dialogue* (1586), segundo Howatt & Widdonson (2004), foi composto basicamente por pequenos diálogos nas Línguas Inglesa e Francesa. São retratadas as situações corriqueiras francesas, com destaque para aquelas relacionadas a compras e que envolvem vendedores de frutas, de tecidos e de materiais de costura, bem como pescadores e açougueiros.

A primeira referência à expressão “diálogos familiares” está relacionada, segundo Howatt (1988), a este segundo livro do francês Jacques Bellot. No prefácio, o autor defende a inclusão de diálogos que representassem conversas do dia-a-dia nos compêndios de língua estrangeira, especialmente para ajudar àqueles leitores que moram em outros países e estão em constante contato com conversas corriqueiras. Desde então, esse tema se tornou recorrente em compêndios de línguas, sejam elas maternas ou estrangeiras.

Os dois livros publicados por Claudius Holyband, *The French Schoolmaster* (1573) e *The French Littleton* (1576), possuem as mesmas características das obras de seu compatriota, com destaque para as listas de vocabulários organizadas em tópicos e a secção de diálogos, com forte representação do interesse mercantil da época. John Florio também escreveu dois manuais: *First Fruits* (1578) e *Second Fruits* (1591), ambos caracterizados por possuírem um estilo mais elaborado e atrativo para os jovens nobres que os utilizavam. Os diálogos presentes em suas obras se destacam por serem de caráter mais prático, com ênfase para os familiares, seguidos de listas de provérbios e ditos populares. Segundo Torre (1985), a presença de diálogos familiares nas gramáticas em Língua Inglesa pode ser considerada como consequência de uma influência das gramáticas latinas, uma vez que, “já na primeira metade do séc. XVI, Luís Vives havia publicado, em 1538, a *Exercitatio linguae latinae*, uma

colecção de diálogos saborosos acerca de situações familiares, tais como despertar de manhã, a primeira saudação, o convite, a escrita” (TORRE, 1985, p. 53).

Os diálogos familiares foram introduzidos nos compêndios destinados ao ensino de língua inglesa ainda no século XVI e sua presença foi uma constante até o século XVIII, sendo sempre utilizados para ensinar boas maneiras, regras de comportamento e para inculcar valores morais na mocidade da época. Em decorrência da importância que essa secção tem para a evolução do ensino de língua inglesa, ao analisar um dos compêndios publicados no século XVIII, o detalhamento dos diálogos familiares torna-se fundamental. Como as partes da gramática referentes ao ensino do idioma são sempre as mesmas, conforme destacado, dar-se-á ênfase, neste trabalho, apenas à análise dos diálogos familiares e do prefácio da obra, uma vez que nele encontram-se informações importantes sobre a valorização da língua inglesa na época e sobre o cenário educacional em questão.

Vários são os autores que discorrem sobre a importância em se analisar não só o conteúdo gramatical e de textos empregados, mas também, e principalmente, os protocolos de leitura encontrados em prefácios, notas de rodapé, advertências, erratas, dedicatórias, prólogos e notas ao leitor. Segundo Chartier (2001), a presença desses protocolos é inegável e os vestígios dessas marcações de orientação da leitura são diversos, devendo o analista estar atento às sinalizações dos tipógrafos e/ou editores na chamada “história do ler”, uma vez que

3

os atos de leitura que dão aos textos significações plurais e móveis situam-se no encontro de maneiras de ler, coletivas ou individuais, herdadas ou inovadoras, íntimas ou públicas e de protocolos de leitura depositados no objeto lido, não somente pelo autor que indica a justa compreensão de seu texto, mas também pelo impressor que compõe as formas tipográficas, seja com um objetivo explícito, seja inconscientemente, em conformidade com os hábitos de seu tempo (CHARTIER, 2001, p. 78).

Belo (2008, p. 62), ao analisar os fatores relacionados a protocolos e práticas de leitura, afirma não ser uma atitude neutra a transformação do texto pelos impressores e editores, justamente pelos “recursos expressivos” colocados no texto, na tentativa de nortear leituras a serem feitas. Desse modo, nem mesmo o formato do livro, a diagramação, a disposição do texto, das fontes e a cor da tinta são ocasionais: “A todos esses elementos o leitor atribui significados, constituindo a sua seleção um trabalho criativo feito pelo editor [...]. Interpretar essa linguagem é contribuir indiretamente para a compreensão do modo como, em diferentes épocas, os livros foram lidos”.

A obra analisada neste artigo é a *Grammatica anglo-lusitanica & lusitano-anglica*, de J. Castro, impressa em Londres e publicada pela primeira vez em 1731. Ela é composta de 407 páginas, sendo 240 dedicadas ao ensino de Português em Língua Inglesa e 167 para o ensino de Inglês em Língua Portuguesa. Segundo Torre (1985), esta gramática é a primeira tentativa de ensino de Português como língua estrangeira.

A *Grammatica anglo-lusitanica & lusitano-anglica* foi produzida com o objetivo de valorizar a relação entre a Língua Inglesa e Portuguesa, tendo como tema principal as relações comerciais. A Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro possui uma cópia da terceira edição desse compêndio, datada de 1759, o que sugere que tal compêndio tenha sido utilizado para fins comerciais no Brasil. Este compêndio encontra-se no acervo geral de obras da Biblioteca Nacional, sugerindo que houve a circulação dessa publicação em território brasileiro. Apenas o prefácio e os diálogos familiares foram analisados, em decorrência da relevância destas seções para o entendimento das concepções educativas da época.

A maior parte do prefácio, escrito em Inglês e intitulado “To the Reader” (“ao leitor”), foi dedicada à sua tentativa de provar que o Português era tão digno da atenção dos ingleses quanto o Espanhol, para o que esboçou uma narrativa histórica da ascensão daquela Língua (“the Rise of this Language”) desde a ocupação romana até o século XV, argumentando que a Língua Espanhola não era “Mãe” da portuguesa, sendo ambas originárias do Latim. Ademais, complementava, a Língua Portuguesa era facilmente compreendida pelos espanhóis e, sendo muito próxima da “Língua Franca”, era corrente nas costas índicas e africanas onde os portugueses tinham estabelecido suas possessões.

Castro afirma ser a Língua Portuguesa de grande utilidade para o comércio, apesar de não ser devidamente explorada e conhecida. Para justificar o valor e a nobreza do Português, o autor nos convida a analisar os percursos históricos verificados no transcorrer dos anos, com o objetivo de entender quais as nações que habitaram o país. De acordo com suas narrativas, os mesmos povos que dominaram a Espanha também habitaram Portugal, não sendo admissível considerar o Português como uma língua derivada do Espanhol.

A Língua Portuguesa, em última análise, pode ser elevada ao grau de nobreza que algumas línguas acumulam, o que a coloca em posição de destaque quando os assuntos comerciais são analisados, não podendo ser comparada com a espanhola, uma vez que “a língua portuguesa tem uma mistura do lado grave Espanhol e da suavidade do Francês, e é tão útil no comércio quanto a língua espanhola, e até mesmo igual (se não superior) à sua rival” (CASTRO, 1759, p. vi-vii).

O autor continua na sua busca pela valorização da língua portuguesa, acrescentando que a Língua Portuguesa “é mais fácil para um inglês do que a língua espanhola; e que a Nação Portuguesa é melhor e mais amiga dos Ingleses do que a Espanhola” (CASTRO, 1759, p. Vii). Essa preocupação em consolidar não só a importância da língua inglesa, mas, principalmente, da língua portuguesa, pode ser facilmente explicada quando lembramos que, nesta época, as relações comerciais entre Portugal e Inglaterra estavam mais próximas e, como o francês era reconhecidamente a língua erudita de eleição da Europa, e o espanhol era um concorrente direto do português, não se podia correr o risco de perder espaço para a Espanha. Tão forte é a necessidade de reafirmação da língua portuguesa que essa gramática, ao que tudo indica, deve ter sido utilizada para ensinar inglês a portugueses e português a ingleses, sendo, dessa forma, essencial provar a importância da língua portuguesa para a Inglaterra.

A presença de diálogos na parte final das gramáticas dos séculos XVIII e XIX, conforme já destacado, pode indicar uma tentativa em se buscar uma maior funcionalidade no ensino de línguas, que se caracterizava, na época, pela repetição e memorização de frases, a serem repetidas pelos aprendizes. Torre (1985) justifica essa possível aplicação funcional apoiado no diálogo intitulado “para fallar Inglez”, da gramática Mestre Inglez, publicada em 1814 por Francisco de Paula Jakú, através da qual é perguntado: “Ele [o seu mestre] não lhe disse que você deve falar Inglês constantemente” (apud TORRE, 1985, p. 59). A mesma preocupação comunicativa foi encontrada em outras gramáticas, como por exemplo a de Silva (1814), uma vez que, em seu diálogo “to speak English” (para falar Inglês), a seguinte discussão é encontrada:

Se eu falar mal todo mundo irá rir de mim
Não tema isso
Você não sabe que para que alguém possa aprender a falar bem, deve
começar
falando mal³. (tradução nossa) (SILVA, 1814, p. 208).

Castro também se preocupou com a parte oral do ensino de línguas, apresentando, em seus *Familiar Dialogues*, uma conversa muito similar à encontrada em gramáticas anteriores,

³ “If I speak bad everybody will laugh at me.

Do not fear that.

Don't you know that to learn to speak well, one begins by speaking ill” (texto original).

porém destacando a conversação em Língua Portuguesa, o que sugere que esta gramática tenha sido primordialmente criada para o ensino de Português a alunos ingleses.

A segunda parte desse compêndio, intitulada *Grammatica Anglo-Lusitanica*, se propõe a ensinar inglês para portugueses. Trata-se de uma parte menor do que a anterior e quinze diálogos familiares são apresentados, conforme os padrões de ensino da época, que viam na educação uma oportunidade de fornecer modelos de boa conduta e de estilo de escrita a serem seguidos pelos alunos. Entre os assuntos presentes na gramática de Castro, destacam-se: cumprimentos, refeições, vestimentas, o falar a Língua Portuguesa, clima, compras, jogos, viagem, câmbio e leis da Inglaterra.

Todos os diálogos se baseiam em conversações entre duas pessoas, através de um jogo de perguntas e respostas sobre um tema identificado, tal qual acontecia com as aulas de catecismos, uma vez que, segundo Oliveira (2006), era comum a prática desse tipo de atividade até o século XIX. Um dos pontos negativos dos diálogos encontrados nas gramáticas do período em questão, segundo Torre (1985, p. 64), refere-se ao modo pelo qual os alunos eram tratados. Todas as situações abordadas foram criadas tendo-se em mente alunos adultos, mesmo quando a temática era mais apropriada para a realidade das crianças ou adolescentes. Apesar dessas características, é importante reforçar que “os diálogos constituem, conjuntamente com as frases familiares, a parte funcional das gramáticas antigas. O seu objetivo era promover a utilização oral da língua estudada” (TORRE, 1985, p. 64).

Como consequência da diminuição do tamanho desta segunda parte, tem-se uma redução no número de diálogos. Estes estão reunidos em apenas cinco “Pequenos Dialogos para Principiantes”, que não possuem títulos e se detêm em conversas corriqueiras e até mesmo banais (CASTRO, 1759, p. 355). Observa-se, no entanto, a inclusão de sete páginas contendo *frases familiares* (da página 358 à 364), agrupados por temas destacados por Castro (1759), como por exemplo, expressões de carinho, para agradecer, para afirmar, negar e consentir, de modo que, segundo Torre (1985, p. 56), parecem ter sido colocados com o objetivo de realizar “funções comunicativas nas situações mais típicas da época em que as frases foram escritas”.

Grande destaque deve ser dado às cartas comerciais colocadas ao final do compêndio, que foram compiladas com espaços em branco para o preenchimento das informações a serem adicionadas. Como Portugal e suas colônias estavam se afirmando no comércio, principalmente o estabelecido com a Inglaterra, era importante coletar exemplos das cartas comerciais mais utilizadas, de modo a fornecer modelos a serem usados pelos comerciantes

brasileiros, depois da abertura dos portos, em 1808. Os modelos presentes neste compêndio demonstram uma preocupação com a elaboração dessas cartas, incluindo o cuidado com cabeçalhos, rodapés, introduções e despedidas. Cada carta é escrita em Português e, logo após, traduzida para o Inglês, sendo elas: seis cartas comerciais, uma procuração, uma carta de fretamento, duas cartas de compromisso, uma apólice de seguros, seis recibos e 4 notas de empréstimo de dinheiro.

Castro produziu um compêndio preocupado não só com o ensino do Inglês, mas também com o fortalecimento da imagem da Língua Portuguesa e sua aceitação como língua estrangeira nobre a ser estudada e respeitada. Em meio a um ambiente totalmente propício ao surgimento de novas aulas e à necessidade de capacitação de uma colônia que se transformava em sede do governo português, o compêndio de Castro não só trazia o conhecimento linguístico para a aprendizagem da Língua Inglesa, como também preocupava-se com os padrões de excelência do mundo ocidental e com os clássicos que deveriam ser copiados, colocando, sempre que possível, o contexto comercial no ensino da língua.

Os compêndios produzidos no século XVIII seguiam o método de ensino conhecido como método da gramática e tradução, ainda muito utilizado em composições de livros didáticos do século XXI. Analisar as gramáticas do século XVIII, neste contexto, pode ser considerada como atividade de grande relevância para o acompanhamento das mudanças verificadas nos livros didáticos no decorrer dos séculos.

REFERÊNCIAS

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

BELO, André. *História & livro e leitura*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CASTRO, J.. *Grammatica Anglo-Lusitanica & Lusitano-Anglica*: ou, Gramatica Nova, Ingleza e Portugueza, e Portugueza e Ingleza; dividida em duas partes. A primeira para a instrução dos Inglezes que desejarem alcançar o conhecimento da Lingua Portugueza. A segunda, para o uso dos Portuguezes que tiverem a mesma inclinação a Lingua Ingleza. Das quaes a Primeira está corrigida e emendada, a segunda executada por Methodo claro, familiar, e facil. 3. ed. London: W. Meadows, 1759.

CHARTIER, Roger. *Práticas da Leitura*. São Paulo, Estação Liberdade, 2001.

HOWATT, Anthony Philip Reid. *A history of English language teaching*. 3. ed. Oxford: Oxford University Press, 1988.

HOWATT, A.P.R.; WIDDOWSON, H.G. *A history of English language teaching*. Oxford: Oxford University Press, 2004.

NEILSEN, Roderick. *Travellers' Tales: The Expatriate English Language Teacher in the New Global Culture*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2009.

OLIVEIRA, Luiz Eduardo Meneses de. *A instituição das línguas vivas no Brasil: o caso da Língua Inglesa (1809-1890)*. Tese de Doutorado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. *Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Histórica, Política e Sociedade*. São Paulo, 2006.

SILVA, Agostinho Neri da. *Nova grammatical da Lingua Ingleza, ou a arte de fallar e escrever com propriedade, e correcção o idioma inglez*. Quinta impressão correcta, e enriquecida de hum copioso vocabulário dos termos Portuguezes, e Inglezes, com alguns Dialogos do uso familiar. Lisboa: Na Officina da Viuva Neves, e filhos, 1814.

SOARES, Mara Lucia Fabiano. *O papel do autor de livro didático para o ensino de língua inglesa como uma língua estrangeira: um estudo de identidade autoral*. Dissertação de Mestrado –Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. *Mestrado em Letras*, 2007.

TORRE, Manuel Gomes da. *Gramáticas inglesas antigas: alguns dados para a história dos estudos ingleses em Portugal até 1820*. Trabalho complementar à dissertação de doutoramento apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, 1985.